

VÍDEO

Olhando São Paulo

Na solidão, nos grafittis e na violência, um espelho da metrópole.

POR ANA CARMEN FOSCHINI

Cinco vídeos inscritos no Vídeo-brasil olham São Paulo. No sexto ano da mostra, que acontece entre 4 e 9 de outubro no Museu da Imagem e do Som (avenida Europa, 158), São Paulo como tema perdeu a antiga supremacia. Dos 35 vídeos selecionados entre os 175 inscritos, a maioria voltou suas câmeras para o Nordeste, o Rio de Janeiro e para fatos sucedidos entre quatro paredes. Cinco olharam para São Paulo, nem sempre usando lentes cor-de-rosa.

São três documentários — *Duelo dos Deuses*, *Temporada de Caça* e *Sabor Grafitti* —, o clip *Cara Pálida*, para música da *Gang 90*, e a ficção *A Meia-Noite*.

Os grafittis foram escolhidos como símbolo da expressão dos habitantes em dois deles, *Cara Pálida* e *Sabor Grafitti*. A neurose que circunda a pelas veias da cidade não poderia faltar: A lado heavy metal da pesada, o lado *heavy metal* da seriedade, ficou por conta dos documentários *Duelo dos Deuses* (sobre programas religiosos da TV) e *Temporada de Caça* (sobre o assassinato de homossexuais).



No Pacembu, centenas de óculos pisoteados pelo pastor Macedo.

Um passeio pela igreja eletrônica. Mas sem milagres.



Pedro, editando com a proteção de Nossa Senhora.

Duelo dos Deuses — Documentário de 20 minutos (U-Matic) programado para o dia 7.

"Duelo dos Deuses" foi um evento ocorrido em 1º de abril deste ano no estúdio do Pacembu, sob os auspícios da Igreja Universal Reino de Deus. *Duelo dos Deuses*, o vídeo, foi um trabalho dirigido, editado, sonorizado e fotografado pelo videomaker Pedro Vieira, que, para ter acesso no duelo que lotou o Pacembu, se travestiu em pastor e foi investigador dos subterrâneos da igreja eletrônica no Brasil.

Seu vídeo começa com uma colagem de trechos de programas religiosos na TV. Na Record, o padre Jair Pereira diz precisar de ajuda expressiva (em dinheiro) dos espectadores para que o programa continue indo ao ar. Na rua das Palmeiras, o pastor Ronaldo Didiñi solta a língua: "Eu não vou pedir nem dez, nem cinco mil cruzados por estas coisas, mas sim, só as aqui, cem mil cruzados. Quem não veio prevenido, levante a mão. Vocês colaboram com 500 cruzados. O pastor jura que até segunda-feira vocês recebem no mínimo dez vezes mais".

Walter Clark, ex-diretor da TV Rio, fala em entrevista a Pedro Vieira sobre os programas religiosos. Calcula em 12 mil dólares o preço de um horário na TV e denuncia a mistura de política eleitoral de então candidato Moreira Franco em 82 com a concessão da TV Rio. Os agradecimentos do vídeo são para Jesus, Xuxa e Exu: a esperança da gente humilde circula pelo mundo çã.

Revoada de óculos dos fiéis

"Foi difícil, você não sabe como foi difícil", repete Pedro Vieira. "O *Duelo* é um vídeo Mike Tyson. Ele começa com a igreja eletrônica no Brasil. Pensei em colocar Jimmy Swaggart, Rex Humbard, mas preferi ficar no Brasil mesmo. Ai, o vídeo respira. A gente (mais o fotógrafo e editor Reinaldo Volpato) mostra como é dada a concessão de TVs e só na última parte revela o que era o *Duelo dos Deuses*".

Flashs dos fiéis no Pacembu: "Nós viemos buscar um milagre e, se Deus quiser, vamos levar um"; "Foi provado aqui no Pacembu que Nossa Senhora Aparecida é um Exu do Diabo."



Sabor Grafitti, com sabor da estréia.

Muro e tintas, novos e extintos.

Sabor Grafitti — documentário de 11 minutos (VHS) programado para abrir o VídeoBrasil no dia 4.

Tem sabor de tapume, parede e muro. Uma brincadeira com as cores, as tintas e as máscaras dos grafiteiros. Cinco mulheres estréiam em vídeo e fazem seu primeiro trabalho com *Sabor Grafitti*. Como é característico, a estréia vem sob o rótulo do iniciante: autoria coletiva.

"Queríamos fazer algo que tivesse a ver com a cidade. O grafitti de São

Paulo é muito alegre, bonito", diz Gina Consolmagno, uma das cinco que compõem o grupo Batom. Todas eram alunas da Academia Brasileira de Vídeo. *Sabor Grafitti* foi o trabalho final do curso de Criação e Produção. São elas: Gina, Eliana Lourenço da Silva, Inês de Castro, Rute Fagundes Sheldon e Maria Luiza Moreira.

— Gravamos no buraco da Paulista, na rua Jandira e Araés. Na esquina ao lado do MIS registramos uma parede que não existe mais. Gravamos as



Maria Zanetti

Gina Consolmagno, uma das cinco integrantes do Batom.

cabecas de John Howard no viaduto sob a Teodoro Sampaio, as ruas da Vila Madalena e os grafittis do Carlos Matuck, que nem grafita mais, perto do Shopping Eldorado — diz Gina, localizando a geografia da picbação.

Pietro Maria Bardi, diretor do Masp, revela: "O grafitti é uma nova fase da arte e a longa duração, grafitti é linguagem".

terminar uma fase da arte contemporânea". Os grafittis concluem: "Daqui ninguém tira, já tem cadeira cativa". "Não é molequeagem, grafitti é linguagem".

Nó barato de ser índio da cidade

Cara Pálida — clip de 4 minutos (U-Matic) programado para o dia 7.

"Eu queria ser um índio... nesta cidade alucinante", diz a música da *Gang 90*. A imagem mostra grafitti, o centro de São Paulo, detalhes da arquitetura. "É um vídeo sobre São Paulo, porque é sobre a cidade grande. E São Paulo é a real metrópole, é talvez a cidade menos brasileira, mais cosmopolita do País", diz Tide Borges, diretora de *Cara Pálida*. Além de Tide, assinam o roteiro Mirella Martinelli e André Fischer. A fotografia é de Marcelo Durst e a edição de Leda Pata.

— Quando se escreve um roteiro para uma música, fica ridículo ilustrá-la, simplesmente — diz a diretora. — Por isso, a



Grafittis, a manifestação da "tribo".

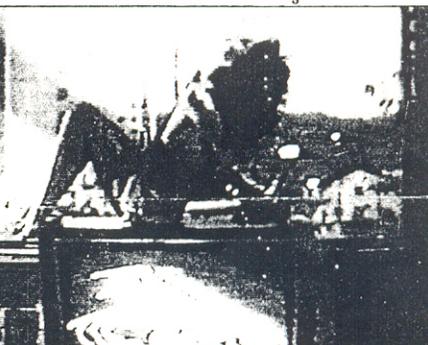
gente tira um barato, um cara na TV dizendo que quer ser um índio. É como se a cidade fosse, então, uma grande tribo e o grafitti fosse a manifestação escrita dos habitantes da metrópole. O grafitti como manifestação iconográfica da tribo.

Na neurose da multiinformação

A Meia-Noite — ficção de 13 minutos (U-Matic) programado para o dia 4.

A neurose da cidade grande é o assunto de *A Meia-Noite*, um vídeo sem diálogos e com trilha sonora de saxofonista americano John Zorn. A atriz Giovanna Gold é uma secretária bilíngue que mora na esquina da avenida Rebouças com Henrique Schauman. Na verdade, o ateliê do artista plástico Ivaldo Granato. A secretária volta para casa, vê TV, vê a cidade, ouve a secretária eletrônica — diz Rita.

— É sentimento que os grandes centros urbanos provocam: saturação de informações — segundo a diretora Mara Mourão — Ela não atende telefonemas, sua única companheira é a TV. E a solidão de uma mulher urbana é a mesma. Eu presumo que as pessoas que vivem em um



Solidão na grande cidade. A Meia-Noite.

grande centro sintam-se mais solitários e mais saturados de informações que as que vivem em uma fazenda.

O roteiro é de Maurício Arruda e Adriano Goldman. A *Meia-Noite* tem



A diretora Mara Mourão



Os homossexuais, mortos, em Temporada de Caça.

Temporada de Caça: assumindo a parcialidade.

Temporada de Caça — documentário de 28 minutos (VHS) programado para o dia 4.

"Caça", música de Gilberto Gil, colada às fotos em sêpia de Oscar Wilde, Nijinsky, Mário de Andrade, Fernando Pessoa, Pasolini, Visconti e muitos outros. *Temporada de Caça*, o vídeo de Rita Moreira sobre os assassinatos de homossexuais ocorridos este ano em São Paulo, começa didaticamente. Ninguém tem dúvidas sobre o tema e o ângulo da abordagem.

Meu ponto de vista é o da contrariedade da informação. Falo o que os jornais não falam. E não tenho essa preocupação

de ouvir os dois lados, como a Globo sempre faz. Ela até ouve o acusado, mas a última palavra fica sempre com as autoridades, com a polícia — diz Rita.

São Paulo gostou dos crimes, a julgar-se pelos depoimentos colhidos por ela na avenida Paulista. "Eles poluem a cidade de São Paulo", diz alguém. "Se é matando, ou se é prendendo, de algum jeito tem que acabar com eles", diz outro. A Paulista foi escolhida como amostra padrão do ecossistema São Paulo. "Não acredito nessa coisa de amostragem. Na Paulista tem de tudo", diz a diretora.

— Comecei a gravar quando mataram Bressan e o Manoel Paiva. Bem antes de Luiz Antônio Martinez Correa morrer. Sou didática e bem parcial. Não acredito em jornalismo imparcial e estou do lado deles: dos negros, dos homossexuais.

Tendo como objetivo primordial dar sua versão sobre os crimes, Rita deixa que o bi-bi-blá seja mais importante do que as imagens — grande defeito para um vídeo. "Tem muita falação mesmo", diz a autora do trabalho. *Temporada de Caça* é um convite à polêmica.



Rita: "Sou didática e parcial".